

## A Grande Lição de Enzo

Texto de Ana Beatriz Vinagre, advogada, especialista em Direitos Humanos e aluna do Curso Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão do DIHS. Bolsista do Programa Fiocruz Saudável.

Antes de abordar aspectos doutrinários, peço vênia para abordar aspectos humanitários no sentido mais amplo da palavra, no sentido que une todos os seres humanos que habitam esse planeta-casa. Para tanto, preciso contar uma história que me comoveu sobremaneira. Aconteceu mais ou menos assim:

Uma jovem com a mente inquieta, o sangue voluntariamente contaminado para aceitar seu papel social, buscava algo em uma instituição de renome. Buscava a si mesma. Em meio a aulas brilhantes e colegas com histórias de luta inimagináveis, precisou se distanciar da erudição daquela sala de aula cheia de expectativas e descer ao que existe de mais burocrático de que se tem notícia: planos de saúde.

Há meses adia o pedido de reembolso, mas daquele procedimento necessário não podia mais fugir. Pegou o elevador, desceu, pediu informações, pegou a senha e aguardou sentada entre dois gêmeos recém-nascidos – o milagre da vida, em dobro! Sentiu pena do que aquelas criaturas tão inocentes irão enfrentar nos anos que se seguem. Reafirmou sua vontade de não colocar filhos no mundo. Afinal, que mundo é esse em que vivemos? Desigual, disforme, mau. “E se meu filho nascer com alguma deficiência? E se eu não der conta?”. Sim, a velha receita do egoísmo que move a sociedade retumbando na cachola.

“–Fulana! Sua vez.” Forçada a deixar seu devaneio, seguiu para o atendimento. Sandra<sup>1</sup>, a atendente do plano, não podia ter sido mais solícita. Ocorre que não conversaram apenas sobre reembolso, conversaram sobre a vida. Conversaram sobre esperança, ainda que não tenham percebido na ocasião. Enquanto Sandra, com os olhos marejados, falava com orgulho de seu filho Enzo<sup>2</sup>, a jovem de mente inquieta chegava à conclusão que o Universo havia conspirado para que elas se encontrassem e compartilhassem aquele instante frugal.

Enzo, segundo a mãe, não era um menino igual aos outros. Enzo, nas palavras de Sandra, “é um senhor no corpo de uma criança”. Enzo não gosta de barulho e confusão. Enzo abraça moradores de rua e lhes pergunta se a família os espera para o jantar. Enzo pede para a mãe comprar comida para os pedintes que encontra pelo caminho. Enzo anunciou que vai soltar o passarinho do pai assim que tiver uma chance, pois “passarinhos não devem ficar presos”.

Tudo isso já faria de Enzo um menino especial, mas embora o que Sandra tenha contado seja admirável, o que se destacou foi a *paciência* de Enzo. É que Sandra deixou escapar que o filho brinca durante horas com o primo que tem autismo. “Ele tem a maior paciência”. Não só brinca com ele, como gosta de estar com ele. Gosta da companhia do primo com deficiência.

---

<sup>1</sup>O nome foi alterado para respeitar a verdadeira identidade da personagem.

<sup>2</sup>O nome foi alterado para respeitar a verdadeira identidade da personagem.

O que encanta é que Enzo não sabe o que é deficiência e desconhece o autismo, mas tem certeza que seu primo é uma criança com quem pode dividir os brinquedos. Enzo gosta do primo. E ponto.

O primo de Enzo tem dificuldades para se comunicar, mas isso não é um problema, já que Enzo aprecia o silêncio daquela relação. Eureka! É tão simples assim? - fervilhava a mente que não se cala.

Findo o atendimento (reembolso a caminho para quem tiver curiosidade), bagagem cheia de histórias e a cabeça explodindo de ideias. Como é bom ouvir e não apenas escutar. Ela, nossa jovem, havia acabado de colocar em prática a lição da aula da manhã. O curioso é que (re)aprendera a ouvir com um surdo. O Professor que lhe ensinara a ouvir com o corpo e a alma. Ao fazê-lo, ou melhor, ao tentar replicar o conhecimento apreendido, recebeu da vida, daquele encontro com Sandra e, por que não, com Enzo também, um presente. Recebeu o *insight* que precisava para continuar sua escalada.

Afinal, o que é tão simples? O que ela descobriu? Segundo o censo de 2010, [existem 2 milhões de pessoas surdas ou com surdez severa no Brasil](#). A verdade, compreendeu, é que há muito mais. Na era da informação, a surdez é uma opção necessária à sobrevivência. Pessoas (ou seriam usuários?) escolhem o que querem ouvir, sendo que essa escolha reside na vontade de ouvir a si mesmo no outro. É a expressão da vaidade num mundo que valoriza o ter em detrimento do ser. A voz, eu tenho. A audição, eu finjo que tenho. Nunca antes um sentido foi tão subestimado – ou tão veementemente ignorado. Somos todos deficientes na medida em que temos um órgão que funciona e não sabemos mais usá-lo. Orelha, ouvido, tímpano, martelo, bigorna e estribo voluntariamente atrofiados.

Somos todos deficientes e não somos todos deficientes. Eis a grande descoberta. São as atitudes e o espaço que tornam uns deficientes e outros aptos – por falta de expressão melhor. Segundo a [Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência](#):

*“(...) a deficiência é um conceito em evolução e (...) resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”*

Contudo, para além do que afirma a Convenção supracitada, o que torna as pessoas deficientes é a confusão nos sentidos. Ou seria no sentir? É, portanto, o ruído na audição. O olhar embaçado. O tocar entorpecido. Em outras palavras, é a ausência deliberada do ouvir, do enxergar e do sentir. É a ausência.

É a ausência do Estado e de políticas públicas capazes de enfrentar barreiras físicas e atitudinais. É a ausência de investimentos em tecnologias assistivas que resultem em autonomia e não em assistencialismo. É a ausência de informação que reproduz o discurso do capacitismo - discriminação, e mesmo violência, contra as pessoas com deficiência. É a ausência de representatividade nas esferas pública e privada. É a ausência de diálogo. É, por fim, a ausência de

**nós mesmos.**

**Ausente de nós, não temos mais tempo para cuidar. Vivemos em meio ao caos: correria, stress, regras, adequação, julgamento. Tudo isso, veja bem, não afeta a criança Enzo, que vive em paz com seu eu e em harmonia com o mundo ao redor. Enzo enxerga o primo como um amigo. Sandra enxerga o sobrinho como uma criança com deficiência. Ambos enxergam o primo/sobrinho como o meio no qual estão inseridos o molda.**

**Nós enxergamos as pessoas com deficiência como deficientes antes de serem pessoas. Mas a grande lição de Enzo é essa: as pessoas com deficiência são pessoas antes de serem deficientes. E, como pessoas, como seres humanos, são diferentes na medida de sua humanidade.**

**A deficiência é uma expressão da diversidade humana. E assim como Enzo encontrou no primo *autista* o parceiro ideal para uma tarde de divertimento, justamente em razão da característica que o afasta do convívio com as demais crianças, certo é que, com as ferramentas corretas e, principalmente, com a atitude correta, haverá espaço para que todos os seres humanos possam se expressar e participar da vida em sociedade.**

**Essa história, essa volta toda, conduz à seguinte conclusão: enquanto não houver espaço para a humanidade se curar como humanidade, como grupo de seres interdependentes e, portanto, necessários uns aos outros dentro do campo em que podem melhor expressar suas habilidades, não haverá espaço para a empatia, para a solidariedade fora do Natal, para sentir, para se deixar afetar e para incluir verdadeiramente. ■■■**

**Ana Beatriz Vinagre**

**Rio de Janeiro - Novembro 2019**